

Egoísmo

Retomo aqui o tema que abordei no artigo anterior desta coluna, no qual analisei se Mauro estava agido de forma egoísta e Maria de forma altruísta, eu concluí que “Mauro e Maria estariam sendo corretos e agindo de forma ética, de acordo com os padrões de nossa cultura, se eles enfrentassem seus medos e contassem um ao outro a verdade”. Nesta afirmativa, fica evidente que estou considerando que os conceitos “certo” e “errado” podem variar de acordo com padrões culturais. É importante, contudo, que se entenda, que não estou propondo que valores como o bem e o mal ou o certo e o errado devam ser explicados como sendo totalmente relativos. Relativos no sentido de variarem de cultura para cultura, de época para época, de momento para momento e de pessoa para pessoa. Isto implicaria em aceitar que um indivíduo poderia fazer o que quisesse, bastando para isto, ele acreditar que o que ele faz é bom para ele. Neste caso, teríamos, por exemplo, que aceitar o sadismo (desvio de conduta no qual um indivíduo sente satisfação com o sofrimento de outra pessoa) ou, ainda, achar normal o abuso sexual de crianças e de adolescentes, porque o indivíduo que pratica este tipo de atividade sente prazer em fazê-lo, é bom para ele.

Além disso, se aceitássemos o relativismo absoluto estaríamos negando a existência de princípios universais da natureza humana. Um destes princípios universais é o que se refere à proposição de que as coisas são boas ou más para os indivíduos, por contribuírem ou não para a sobrevivência da espécie (do homem). Assim, uma explicação científica para a questão das razões pelas quais atribuímos valores às coisas, nos impele a considerar a teoria da evolução e a explicação baseada na herança genética. Herança genética, entendida aqui, como sendo a transmissão de caracteres hereditários passados de pais para filhos.

Existem evidências científicas que indicam que nascemos biologicamente preparados para lutarmos pela nossa sobrevivência e pela sobrevivência de nossos filhos. Lutamos de todas as formas possíveis para nos mantermos vivos, mas, ao mesmo tempo, damos a nossa vida pela dos nossos filhos. Algumas podem estar pensar: “não é bem assim, não. Meu filho que se dane. Não tô nem aí com ele”. Encaixam-se neste exemplo, mães que abandonam seu filho ao nascerem ou mesmo quando estes são maiores; mães que colocam seus filhos para trabalharem por elas; pais que se recusam a pagar pensão para os seus filhos ou que só pagam quando o juiz determina e, neste caso, acham que estão fazendo a parte deles; pais, como o de

Mauro (o personagem de minha história), que privilegiam um filho em detrimento de outro; etc.

Com relação à luta pela própria sobrevivência, encontramos, também, uma série de comportamentos que são desvios da lei natural, como, por exemplo, o comportamento de pessoas depressivas, que não têm nenhuma vontade de viver. Bem, como aponte, estes são casos de comportamentos desviantes e para este tipo de comportamento existem explicações. No entanto, vou retomar a questão do egoísmo.

Defender a própria vida pode ser classificado, por alguns, como sendo um comportamento egoísta e defender a vida dos nossos filhos, com o auto-sacrifício, pode ser avaliado como altruísmo. Há, no entanto, quem considere o auto-sacrifício em favor de um parente como uma forma de egoísmo, porque o indivíduo estaria, neste caso, defendendo a sobrevivência dos próprios genes. Para a sobrevivência dos nossos filhos, devemos levar em conta, no entanto, o fato de que o bebê humano é totalmente dependente dos cuidados de um adulto, por um longo período de tempo. Então, a mãe que sacrifica a sua vida pela de seu filho, não tem garantias de que o seu bebê sobreviverá.

Nossa, que coisa complicada! Porém, como diz o velho ditado popular: “a natureza é sábia”. Ao longo da evolução, foram selecionados seres humanos que apresentam comportamentos sociais. Somos seres sociais e isto nos leva, necessariamente, a ter que analisar o comportamento altruísta. Tema que abordarei no próximo artigo desta coluna.

Antes de encerrar, devo esclarecer que ao considerar os fatores hereditários nesta análise, não estou afirmando, que o valor que atribuímos às coisas e aos fatos é, de algum modo, determinado por nossa herança genética. Não, pois se assim o fizesse, eu estaria optando pelo extremo oposto ao do relativismo absoluto, o determinismo absoluto e, neste caso, por um determinismo genético. O determinismo genético é caracterizado pela crença de que os genes são responsáveis de forma exclusiva pelas características físicas e pelos comportamentos dos seres vivos. Para que eu possa completar a minha análise, terei que fazer algumas considerações sobre o que vem a ser altruísmo e sobre herança cultural.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal: www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo